

Sintagmas Nominais



Estudo diacrônico do sintagma nominal descontínuo no português brasileiro

Diachronic Study of the Discontinuous Noun Phrase in Brazilian Portuguese

Nathalia Pereira de Souza-Martins

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
nathaliapsouza12@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0365-9591>

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
sebastiao.goncalves@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1798-729X>

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal examinar, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), quais são as motivações pragmáticas, semânticas e morfossintáticas subjacentes à ordenação dos constituintes do SN descontínuo em diferentes sincronias do português brasileiro, com o intuito de verificar se a caracterização sincrônica do fenômeno tem fundamentação diacrônica e se há diferenças na produtividade do fenômeno na fala e na escrita. A análise empírica do fenômeno toma por base amostras provenientes de diferentes fontes históricas: (i) cartas dos séculos XVIII, XIX e XX do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e do *Corpus* Histórico do Português *Tycho Brahe*; (ii) cartas de leitores do século XXI dos jornais *Folha de São Paulo* e *Diário do Norte*; e (iii) registros de língua falada do século XX, retirados do *corpus* mínimo do Projeto NURC/Brasil, e do século XXI, extraídos do banco de dados Iboruna (Amostra Censo). A metodologia inclui parâmetros de análise de ordem interpessoal (funções retórica e pragmática dos constituintes do SN), representacional (tipo de entidade semântica designada pelo núcleo do SN e a relação semântica entre núcleo e constituinte deslocado) e morfossintática (constituição morfossintática dos constituintes do SN e

peso estrutural do constituinte deslocado). Com base nas análises, a conclusão é a de que a descontinuidade na estruturação do SN tem um comportamento estável ao longo do tempo e é motivada por fatores de ordem mais pragmática do que morfossintática.

Palavras-chave: sintagma nominal; descontinuidade; diacronia; gramática discursivo-funcional.

Abstract: This work has as its main objective to examine, from the perspective of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), which are the pragmatic, semantic and morphosyntactic motivations underlying the ordering of the constituents of the discontinuous Np in different synchronies of Brazilian Portuguese, in order to verify whether the synchronic characterization of the phenomenon has a diachronic basis and whether there are differences in the productivity of the phenomenon in speech and writing. The empirical analysis of the phenomenon is based on samples from different historical sources: (i) letters from the 18th, 19th and 20th centuries from the *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) and from the *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*; (ii) readers' letters from the 21st century from the newspapers *Folha de São Paulo* and *Diário do Norte*; and (iii) spoken language records from the 20th century, extracted from the minimum *corpus* of the NURC/Brazil, and from the 21st century, taken from the *Iboruna* database (*Amostra Censo*). The methodology includes analysis parameters of interpersonal (rhetorical and pragmatic functions of the Np constituents), representational (type of semantic entity designated by the head noun and the semantic relationship between the head and the displaced constituent) and morphosyntactic nature (morphosyntactic configuration of the Np constituents and structural weight of the displaced constituent). Based on the analyses, the conclusion is that the discontinuity in the structuring of the Np has a stable behavior over time and it is motivated by factors of a more pragmatic order rather than morphosyntactic.

Keywords: noun phrase; discontinuity; diachrony; functional discourse grammar.

Recebido em 02 de dezembro de 2021

Aceito em 02 de fevereiro de 2022

1 Introdução

Este artigo busca descrever, com base na Gramática Discursivo-funcional (doravante, GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), o comportamento de sintagmas nominais (doravante, SN) que apresentam ordenação não canônica de seus constituintes, denominados

por Keizer (2007, p. 264) de *SN descontinuos*.¹ Com base em amostras de escrita, dos séculos XVIII ao XXI, e em amostras de fala, dos séculos XX e XXI, o objetivo é investigar as motivações que possam estar na base da ativação da descontinuidade, bem como verificar possíveis mudanças diacrônicas que expliquem a configuração desse tipo de SN na gramática do português brasileiro (doravante, PB) contemporâneo, de modo a constatar se o fenômeno é resultante de processo de mudança e, portanto, inovador, ou se é estável na gramática do PB. Essa perspectiva diacrônica se justifica com base na ideia defendida por Bybee (2016, p. 167) de que a mudança linguística não é fenômeno periférico para teorias linguísticas, e, portanto, sincronia e diacronia devem ser consideradas dimensões integradas, para uma melhor compreensão das representações cognitivas de padrões linguísticos sincrônicos. Além disso, entender como as estruturas surgem na gramática nos aponta possibilidades de explicações nem sempre disponíveis em descrições puramente sincrônicas. Segundo a autora, padrões morfossintáticos podem ser sincronicamente arbitrários, porque resultam de longas trajetórias de mudanças; assim, a única fonte segura de explicações de suas propriedades é a diacrônica. Caracteriza-se como descontinuo o SN que comporta interferência de elementos na adjacência de seus constituintes, como em (1), ou que tem seus próprios constituintes repositados de forma peculiar, como em (2).²

- (1) e até agora depois da Ordem de Sua Excelencia tudo está a meu cargo em mandar fazer **exercícios todos os Domingos, do manejo das armas** (Século XVIII – PHPB/ SP: Cartas da administração colonial em circulação pública, Documento 48, linha 29)
- (2) vai fazê(r) um:: banheiro no quarto de::le... e vai/ ta acaban(d)o um banhe(i)ro... vai começá::(r)... só tem assim o buraco [Doc.: pra fazê(r) o banhe(i)ro] pra pa fazê(r) o banhe(i)ro né?... da minha mã::e... vai quebrá(r) **aquela parede que eu te falei do meu quarto** vai pintá(r) ele de::/ agora eu num decidi muito bem a cor (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-006, DE, linha 301)

Como se observa, nas ocorrências anteriores, enquanto em (1) há a interveniência de um elemento pertencente ao nível da oração e, portanto, externo ao domínio do SN (a saber, *todos os domingos*), em (2) há a ordenação não prototípica de dois modificadores pós-nucleares (*do*

¹ No original: “discontinuous noun phrases”.

² Ao longo deste artigo, ao final de cada ocorrência exemplificativa das análises, são indicados o século a que ela pertence e a fonte de onde ela foi extraída (cf. seção de metodologia).

meu quarto e que eu te falei) do núcleo *parede*. Neste trabalho, ambos os tipos de configuração do SN são considerados descontínuos.

Com base em Keizer (2007) e para explicar o fenômeno de SN descontínuos, é necessário recorrer à atuação de princípios que determinam a ordenação de seus elementos. Neste trabalho, consideram-se dois princípios: o de peso comunicativo e o de peso estrutural. O primeiro, evocado por Dik (1997, p. 403) como *Princípio de Saliência Pragmática*, determina que estruturas que veiculam informação saliente ou nova no discurso sejam posicionadas mais ao final da expressão (no caso deste trabalho, ao final do SN); já o segundo, evocado pelo mesmo autor como *Princípio de Complexidade Crescente*, determina que as estruturas sejam ordenadas da menos para a mais complexa. Esses princípios podem favorecer uma mesma ordem, isto é, o elemento mais complexo é também focal e/ou saliente, o que garante que ele ocorra ao fim do sintagma, ou podem entrar em competição, cada um favorecendo uma ordem diferente. Nesse caso, o usuário da língua seleciona a ordem de elementos que melhor cumpre seu objetivo comunicativo.

Diante dessa caracterização inicial, e tomando a descontinuidade dos constituintes internos do SN como fenômeno a ser investigado diacronicamente, são triplos os objetivos deste trabalho: (i) verificar como os princípios de Saliência Pragmática e de Complexidade Crescente ativam a descontinuidade; (ii) examinar, nas diferentes sincronias do PB, parâmetros pragmáticos, semânticos e morfossintáticos que, correlacionados à descontinuidade, destacam a configuração desse tipo de SN, bem como observar se esses parâmetros apresentam comportamento distinto em cada uma das sincronias, o que apontaria para uma mudança diacrônica na caracterização do fenômeno; (iii) comparar como a descontinuidade de SN se manifesta na fala e na escrita do PB contemporâneo, considerando que, na modalidade falada, podem surgir estratégias típicas da interação verbal face a face não verificáveis na modalidade escrita.

Este artigo se organiza em quatro seções. Na primeira seção, apresenta-se o suporte teórico para a discussão da descontinuidade e da ordem de elementos no SN. Na segunda seção, caracterizam-se o *corpus* de análise e os procedimentos metodológicos. A terceira seção traz a descrição e a análise dos resultados, examinando-se as motivações da descontinuidade nas diferentes sincronias do PB. A quarta seção é destinada às considerações finais.

2 Descontinuidade na ordenação de constituintes

García Velasco (2010, p. 412) reconhece, de modo geral, que o fenômeno da descontinuidade na ordenação de constituintes diz respeito à presença de material linguístico interveniente na morfossintaxe linear dos constituintes de uma expressão linguística. O reconhecimento da descontinuidade, no entanto, depende da concepção de *constituente* que cada teoria linguística assume. De acordo com Huck e Ojeda (1987 apud GARCÍA VELASCO, 2010, p. 415), *interpretação semântica constante, dependência sintática e unidade semântica* constituem três critérios distintos de que teorias linguísticas lançam mão para a abordagem da descontinuidade. Sob o primeiro, *constituente* é definido como “uma sequência fonética [que] mantém a mesma contribuição semântica quando seus membros aparecem tanto contíguos como não [...]” (HUCK; OJEDA, 1987, p. 5 apud GARCÍA VELASCO, 2010, p. 415).³ Sob o segundo, um *constituente* se define com base em “relações de dominância em uma configuração arbórea à qual transformações por movimento possam subsequentemente ser aplicadas, produzindo assim vários níveis de análise sintática”.⁴ O terceiro critério estabelece que “elementos sintáticos não contíguos não podem formar um constituinte, embora possam ser mapeados em uma representação semântica na qual suas interpretações formem uma unidade”.⁵ Diante dessas três concepções teóricas de *constituente*, Garcia Velasco (2010) defende que, para a abordagem do fenômeno da descontinuidade no âmbito da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a terceira noção de *constituente* é a que se mostra mais adequada, tendo em vista que esse quadro teórico adota, para a caracterização do componente gramatical das línguas, uma organização em níveis hierarquicamente estruturados: Interpessoal (NI) > Representacional (NR) > Morfossintático (NM) > Fonológico (NF), cada um deles comportando camadas de organização própria do nível. Para o tratamento do fenômeno da descontinuidade, essa arquitetura

³ No original: “a phonetic sequence [that] maintains the same semantic contribution both when its members appear contiguously and when they do not.”

⁴ No original: “relations in a tree configuration to which movement transformations can subsequently apply, thus producing various levels of syntactic analysis.”

⁵ No original: “Non contiguous syntactic elements cannot form a constituent, although they may be mapped onto a semantic representation in which their translations form a unit.”

da GDF permite que constituintes representados separadamente no Nível Morfossintático (NM) possam ser interpretados adequadamente no Nível Representacional (NR), conforme se observa na formalização simplificada do exemplo dado em (3).

- (3) Aquelas polpas que cê compra de maracujá (AC-090, RP, linha 389) (SOUZA-MARTINS, 2020, p. 91).

NI: (A_i: [(R_i: [(T_i) (T_j)_{FOC} ...] (T_j)] (A_i))

NR: (p_i: [(x_i) aquelas polpas de maracujá (x_i) (e_i) cê compra (e_i)] (p_i))

NM: (Np_i: aquelas polpas (Np_i)) (^{dep}Cl_i: que cê compra (^{dep}Cl_i)) (Pp_i: de maracujá (Pp_i))

Em casos como esse, a relação entre o NR, no qual se codificam representações semânticas, e o NM não é transparente, ou seja, não é de um-para-um, já que uma única entidade semântica do NR (x_i: *aquelas polpas de maracujá*) é codificada no NM em duas posições diferentes ((Np_i: *aquelas polpas (Np_i)*) e (Pp_i: *de maracujá (Pp_i)*)). Esse desalinhamento entre os níveis viola os princípios de ordenação que regem as relações entre o NM e os dois níveis mais altos, a saber: o princípio de Iconicidade (relação não arbitrária entre forma e conteúdo), o de Integridade de Domínio (preferência universal pela justaposição, no NM, das unidades que, juntas, pertencem ao NI e ao NR) e o de Estabilidade Funcional (preferência por colocação de constituintes com mesma especificação pragmática ou semântica em mesma posição fixa relativamente a outras categorias) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A atuação conjunta desses princípios contribui para a maximização do paralelismo entre as estruturas, porque reforça a transparência da estrutura linguística e facilita sua interpretação, mas qualquer um deles pode ser violado, produzindo enunciados descontínuos, como em (3).

Considerando o modelo de representação gramatical da GDF e os propósitos deste artigo, o SN descontínuo em (3) (*aquelas polpas de maracujá*) é descrito em três níveis da GDF, como segue: (i) no NI, é um Subato Referencial que compõe o Ato Discursivo (A_i) (*aquelas polpas que cê compra de maracujá*); no NR, é uma entidade semântica do tipo indivíduo (x_i) e, no NM, é codificado por um sintagma nominal (Np_i) descontínuo, com o sintagma preposicionado (Pp_i) deslocado para depois do sintagma verbal (Cl_i). Assim, é um caso típico de descontinuidade, que emerge justamente “quando a ordem linear não reflete relações semânticas, no sentido de que duas unidades que são semanticamente

relacionadas aparecem separadas uma da outra” (GARCÍA VELASCO, 2010, p. 416).⁶ Em um contexto sem descontinuidade, as estruturas internas do SN dado em (3) apareceriam contíguas umas às outras no NM, como se representa em (4).

(4) Aquelas polpas de maracujá que cê compra.

NI: (A_i: [(R_i: [(T_i) (T_j)_{FOC}...] (T_j)] (A_i))

NR: (p_i: [(x_i) aquelas polpas de maracujá (x_i) (e_i) cê compra (e_i)] (p_i))

NM: (Np_i: aquelas polpas (Np_i)) (Pp_i: de maracujá (Pp_i)) (^{dep}Cl_i: que cê compra (^{dep}Cl_i))

Buscando compreender as motivações da produção de enunciados que apresentam descontinuidade entre seus constituintes, Keizer (2007) considera a atuação dos princípios de peso estrutural e de peso comunicativo como circunstâncias favorecedoras do deslocamento de constituintes que justificariam a decisão do falante de optar por uma ou por outra ordem de palavras.

O princípio de peso estrutural prevê que a ativação da ordem de palavras ocorre por meio de um processamento cognitivo de otimização das estruturas da língua que explica a tendência de estruturas menos complexas ocorrerem em posição inicial, e as mais complexas, em posição final da expressão linguística (HAWKINS, 1983), tendência denominada por Dik (1997, p. 404) de *Princípio de Complexidade Crescente* (“*Principle of Increasing Complexity*”). Segundo esse princípio, prevalece, nas línguas, uma preferência por ordenar os constituintes internos de uma expressão linguística, observando-se, entre eles, a complexidade estrutural crescente, o que significa que, na estruturação da expressão linguística, quanto maior a complexidade de um constituinte, maior é a possibilidade de ele ocorrer em posição posposta ao de menor complexidade.

Equiparado ao princípio de peso estrutural, o *Princípio de Saliência Pragmática* (“*Principle of Pragmatic Highlighting*”), como Dik (1997, p. 403) nomeia, estabelece que constituintes de uma expressão linguística podem comportar funções pragmáticas especiais e, por isso, ocorrem também em “posições especiais”. É a atuação desse princípio que explicaria o deslocamento de constituintes para a posição tanto inicial quanto final da oração (como em (5) e em (6), respectivamente), em razão da intenção do falante de realçar uma informação em seu discurso.

⁶ No original: “when linear order does not reflect semantic relations, in the sense that two units which are semantically related appear separated from each other.”

- (5) *Doutores* sempre houve muito poucos. (PEZATTI, 2014, p. 98)
- (6) Um anúncio foi feito *de que ele estava indo para o Departamento de Educação e Ciência*. (KEIZER, 2007, p. 288, exemplo adaptado e traduzido livremente).

Enquanto a sentença em (5) é exemplar de casos em que constituintes portadores de informação conhecida são deslocados de seu domínio próprio para a posição inicial da oração, típica da função pragmática de tópico no português brasileiro, a sentença (6) exemplifica o chamado peso comunicativo (KEIZER, 2007, p. 267): o SP com função focal (*de que ele estava indo para o Departamento de Educação e Ciência*) é deslocado para a posição final da oração, geralmente reservada a constituintes portadores de informação nova no discurso. Cumpre observar, na estruturação da sentença em (6), a convergência dos dois princípios, porque o constituinte deslocado, ao mesmo tempo que é portador de informação focal, é estruturalmente mais complexo do que os demais que com ele compõem a sentença. Assim, os dois princípios atuam a favor de uma mesma ordenação de constituintes e, juntos, explicam a descontinuidade no contexto dado.

Com base em Dik (1997), Keizer (2007) elabora as seguintes hipóteses explicativas sobre a ação mútua dos dois princípios: (i) os princípios de peso estrutural e de peso comunicativo atuam de modo independente na preferência do falante por deslocar material do SN para fora dele; (ii) a atuação dos dois princípios, na maior parte dos casos, leva à mesma ordem; (iii) se os dois princípios favorecem a competição entre ordens diferentes, pelas circunstâncias discursivas, o falante decide qual deles suplanta o outro na eficiência comunicativa; (iv) em caso de empate, outros fatores independentes podem ser o fiel da balança, mesmo que não tenham por si força suficiente para determinar a ordenação dos constituintes; (v) mesmo violando um dos princípios de ordenação, o falante julga que, na atual circunstância discursiva, a ordem por ele escolhida é a mais eficaz, dentre as disponíveis. A análise da autora, para dados do inglês, comprova que os dois princípios, de fato, são relevantes para a explicação da descontinuidade de constituintes do SN.

No presente trabalho, em que se objetiva descrever como a descontinuidade na estruturação do SN do PB se comporta desde o século XVIII até o XXI, à luz dos princípios anteriormente descritos, será também considerado o emprego de outras estratégias linguísticas que, possivelmente, possam exercer algum papel na determinação da ordem dos constituintes, como funções retóricas, mecanismos de mitigação e de modalização, preservação das relações de escopo, dentre outras.

3 Metodologia

A análise empírica de SN descontínuos toma por base ocorrências recolhidas das seguintes fontes:

(i) cartas (pessoais, oficiais, de leitores e de redatores) datadas dos séculos XVIII, XIX e XX, que compõem os *corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) (disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>) e *Corpus* Histórico do Português *Tycho Brahe* (disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>);

(ii) cartas de leitores do século XXI, coletadas dos jornais *Folha de São Paulo* (disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/cartas.shtml> e <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/>) e *Diário do Norte* (disponível em: <https://www.jornaldiariodonorte.com.br/>);

(iii) amostras de língua falada do século XX, que compõem o *corpus* mínimo do Projeto NURC/Brasil (Norma Urbana Linguística Culta) (disponível em: <http://www3.iel.unicamp.br/cedae/>);⁷

(iv) amostras de língua falada do século XXI do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) (disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>), que registra, no Banco de dados Iboruna, a variedade do PB falado no noroeste paulista.⁸

O recorte temporal escolhido, que parte do século XVIII, leva em conta as postulações de Mattos e Silva (2004), que considera que a gramática do PB se define em meados do século XVIII para o século XIX, sendo esse século o mais propício a uma “expansão” da língua portuguesa no Brasil, uma vez que o século XVIII serviu de ponto de partida a esse processo.

⁷ As amostras de fala do Projeto NURC/Brasil compõem-se de inquéritos coletados nas cidades de Porto Alegre (POA), Recife (REC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e São Paulo (SP), em três diferentes estilos: DID (Diálogo entre documentador e informante), D2 (Diálogo entre dois informantes) e EF (Elocução formal). Do *corpus* mínimo, fazem parte: de D2, os inquéritos REC-05; SSA-98, RJ-355, SP-360, POA-291; de DID, os inquéritos REC-131, SSA-231, RJ-328, SP-234, POA-45; de EF, os inquéritos REC-337, SSA-49, RJ-379, SP-405, POA-278.

⁸ O banco de dados Iboruna compõe-se de dois tipos de amostras: Amostra Censo, com 151 entrevistas sociolinguísticas, e Amostra de Interação, com 11 interações dialógicas coletadas secretamente, com consentimento posterior dos participantes. Para o presente trabalho, considerou-se apenas a Amostra Censo.

Considerando a língua falada como lugar privilegiado para o aparecimento de descontinuidades (RIJHKOFF, 2002; SOUZA-MARTINS, 2020), elegeu-se, inicialmente, o gênero *carta pessoal* como fonte de dados históricos, com base na pressuposição de que a escrita de cartas particulares, sendo mais informal (se comparada a documentos oficiais), seria a que mais se aproximaria da modalidade falada.⁹ Posteriormente, em vista do escasso número de ocorrências encontradas nesse tipo específico de carta, expandiu-se a coleta de dados para qualquer tipo de carta, a saber, cartas oficiais, de leitores, de redatores, entre outras.

Quanto aos séculos mais recentes, XX e XXI, em que há a possibilidade de coletar dados a partir de transcrições de língua falada, incluíram-se também o *corpus* mínimo do Projeto NURC/Brasil e as entrevistas sociolinguísticas da Amostra Censo do banco de dados Iboruna. Com relação a esse último tipo de amostra, reanalisam-se aqui os mesmos dados já analisados por Souza-Martins (2020). O objetivo, então, é fazer uma comparação entre as ocorrências de língua falada dos séculos XX e XXI, em busca de diferenças entre essas duas sincronias.

Elencam-se, no quadro 1, características das diferentes amostras utilizadas na composição de nosso *corpus* de análise, com relação aos tipos de texto, e o número aproximado de palavras de cada uma. O quadro 2, por sua vez, sintetiza a quantidade de palavras das amostras de cada século, como tentativa aproximada de balanceamento do *corpus*, e a quantidade de dados encontrados em cada sincronia analisada.

⁹ Desnecessário dizer que não adotamos aqui uma concepção dicotômica de escrita e de fala, mas compartilhamos da ideia de Mattos e Silva (2008, p. 21) de que, “sendo a documentação escrita que permanece e sendo ela uma representação convencional da fala, teremos o reflexo da fala, que permite tirar conclusões, até certo ponto, seguras, no nível morfofônico, já que, não havendo uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz, ou seja, da língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo.”

Quadro 1 – Sistematização das amostras representadas no *corpus* (tipos de texto e número de palavras)

Século	Fonte das amostras	Tipo de texto	Palavras
Século XVIII	PHPB – Pernambuco	Cartas Oficiais	13.974
		Cartas de comércio e cartas comuns	14.745
	Cartas pessoais e documentos particulares		
	PHPB – Bahia	Cartas oficiais	41.712
	PHPB – São Paulo	Cartas de aldeamentos de índios	8.736
		Cartas oficiais	11.493
Cartas da administração colonial (circulação pública)		25.174	
Século XIX	<i>Tycho Brahe</i>	Cartas Brasileiras: cultos	42.082
		Cartas para vários destinatários	4.565
	PHPB – Rio de Janeiro	Cartas escritas no RJ (documentos particulares)	5.939
		Cartas de leitores e redatores	29.776
		Documentos oficiais	5.681
	PBPB – São Paulo	Cartas de aldeamentos de índios	1.246
		Cartas oficiais	7.573
	PHPB – Pernambuco	Cartas pessoais	1.275
		Cartas de leitores	10.841
	PHPB – Bahia	Cartas de administração privada	15.328
Século XX	PHPB – Pernambuco	Cartas pessoais	38.281
		Cartas de leitores	19.963
	<i>Tycho Brahe</i>	Cartas Brasileiras: cultos	21.001
	PHPB – Bahia	Cartas particulares	45.640
	NURC/Brasil	Textos falados	74.358

Século XXI	Folha de São Paulo	Cartas de leitores	105.482
	Diário do Norte	Cartas de leitores	7.732
	ALIP/ Iboruna	Textos falados da Amostra Censo ¹⁰	1.000.000 ¹¹

Fonte: Autoria própria

Quadro 2 – Resumo da quantidade de palavras das amostras e de dados por sincronia

Língua escrita	Século	Quantidade de palavras	Quantidade de SN descontínuos
Língua escrita	Século XVIII	115.834	15
	Século XIX	124.486	17
	Século XX	124.885	13
	Século XXI	113.214	6
	Total	478.419	51
	Língua falada	Século XX	74.358
Século XXI		1.000.000	77
Total		1.074.358	124

Fonte: Autoria própria

Para que se obtivesse uma amostragem homogênea da língua escrita, buscou-se controlar a quantidade de palavras lidas, mantendo-se um intervalo de 110 a 125 mil palavras por século. Quanto à amostra de língua falada, leu-se todo o material do *corpus* mínimo do NURC/Brasil (referente ao século XX) para que se pudesse comparar com os dados já analisados por Souza-Martins (2020) (referentes ao século XXI). Ainda que não haja uma equivalência entre a quantidade de palavras de cada uma dessas amostras de fala em relação às amostras de escrita, isso já nos parece suficiente para fornecer dados relevantes para o objetivo pretendido.

Com relação à quantidade de dados encontrados, o balanceamento do *corpus* por número de palavras reflete a distribuição também equilibrada dos

¹⁰ As entrevistas da Amostra Censo registram 5 tipos de textos orais: NE (narrativa de experiência), NR (narrativa recontada), DE (descrição de local), RP (relato de procedimento) e RO (relato de opinião).

¹¹ Conforme Gonçalves (2019).

dados entre as duas modalidades, pois, embora o número de dados de língua falada seja maior do que os de língua escrita, ele é proporcional à quantidade de palavras lidas, que também é maior nas amostras faladas. Em outras palavras, há mais dados de língua falada porque mais palavras foram lidas nas amostras dessa modalidade. Mesmo se cercado de cuidados com o equilíbrio do *corpus*, percebe-se a baixa frequência de SN descontínuos em ambas as modalidades, o que conduz à opção pelo desenvolvimento de análises mais qualitativas do que quantitativas, a fim de se evitarem generalizações e afirmações categóricas. Com base nessa ponderação, muito provavelmente a ampliação do *corpus* de análise com aumento do número de palavras das amostras em todas as sincronias não produziria resultados frequenciais muito diferentes dos aqui apresentados, dada a produtividade do próprio fenômeno na língua em uso.

Como procedimento metodológico fundamental, realizou-se uma leitura exaustiva de todos os textos, uma vez que SN descontínuos podem se constituir de qualquer forma lexical, o que inviabiliza o uso de recursos de buscas automáticas por constituintes específicos. Somente por meio de busca manual, não eletrônica, torna-se possível identificar todos os SN potenciais alvos de ordenação descontínua, considerando-se sua constituição interna, a saber, núcleo, operadores, argumentos e modificadores pré e pós-nucleares, para, assim, detectar se há descontinuidade no que diz respeito a interrupções de elementos externos à estrutura do SN ou à ordenação não prototípica de seus próprios constituintes.

Finalizada essa etapa, estipulou-se um grupo de parâmetros que abrangem propriedades de ordem interpessoal (pragmáticas), representacional (semânticas) e morfossintática do SN, visando à descrição da natureza do SN descontínuo e à investigação das circunstâncias sob as quais ele se instancia na língua. Dentre os parâmetros utilizados para verificar a motivação da descontinuidade, buscou-se identificar, por um lado, se algum constituinte do SN (núcleo, material interveniente, modificadores ou argumentos separados do núcleo) exerce alguma função interpessoal (pragmática ou retórica) ou é enfático; por outro lado, também se avaliou a complexidade morfossintática das estruturas deslocadas para fora do domínio do SN, se são mais ou menos complexas que o material interveniente. Esses dois critérios levam em conta os dois princípios evocados por Keizer (2007) como motivadores da descontinuidade no nível do SN.

Além desses parâmetros, consideraram-se, também, outros que poderiam influenciar na organização dos elementos do SN, como estratégias linguísticas de mitigação, modalização e preservação das relações de escopo entre os constituintes, especialmente nos casos em que o material interveniente tem relação apenas com um elemento da construção. Como exemplo dessa possibilidade, em (7), a expressão “vamos dizer” tem escopo sobre o modificador “especial” como tentativa de mitigar a incerteza do falante com relação ao uso do termo.

- (7) mas não tive ainda **um... motivo vamos dizer especial** mesmo a não ser quando o meu marido às vezes tem que... conversar alguma coisa. (Século XX – NURC, DID POA 45)

Como parâmetros representacionais, verificou-se se haveria uma relação entre o tipo de entidade semântica (indivíduo, estado-de-coisas, proposição)¹² denotada pelo núcleo do SN e a motivação da descontinuidade, permitindo, também, apontar qual entidade semântica o SN descontínuo prototipicamente designa. Além disso, analisou-se a relação que se estabelece entre núcleo do SN e o constituinte deslocado, se este é argumento ou modificador do nome, buscando-se investigar qual tipo de elemento tende a permitir interrupções e deslocamentos para longe do núcleo.

Descreveu-se morfossintaticamente a constituição formal dos constituintes, considerando-se a presença de operadores, modificadores pré e pós-nucleares e argumentos (se são adjetivos simples, sintagmas preposicionais ou orações), com o objetivo de definir qual tipo de material morfossintático tende a intervir no SN e qual tende a ser deslocado para fora dele.

Aplicados os parâmetros, por fim, foi possível detectar quais fatores predominam na motivação da descontinuidade dos constituintes do SN e qual a configuração do SN descontínuo prototípico. Além disso, comparou-se tanto o comportamento desse tipo de sintagma em cada

¹² Conforme distinção ontológica de entidades possíveis de serem representadas por expressões linguísticas, Lyons (1977) reconhece os seguintes tipos de entidade: (i) de 1ª. ordem, *indivíduo*, entidade que ocupa lugar no espaço e, por isso, é avaliada pela sua existência; (ii) de 2ª. ordem, *estado-de-coisas*, entidade que reporta evento que, localizável no tempo e no espaço, ocorre, dura, e só pode ser avaliada em termos de realização; (iii) de 3ª. ordem, *proposição*, entidade que refere construtos mentais, sem lugar no tempo e no espaço e, por isso, avaliada apenas em termos de verdade/falsidade.

sincronia do PB, em busca de diferenças que apontassem ou não para uma mudança ao longo do tempo, quanto a caracterização do fenômeno com relação às modalidades escrita e falada da língua, com a intenção de captar especificidades típicas das ocorrências em cada uma delas.

4 Análise diacrônica do SN descontínuo

Entendendo a descontinuidade como uma ordem de constituintes escolhida, ainda que inconscientemente, pelo usuário da língua para estrategicamente organizar informações de seu enunciado, presumiu-se que sua presença seria detectada nos séculos mais remotos do PB. De fato, já no século XVIII, é possível verificar manifestações de SN descontínuos, o que prova que esse fenômeno não é um modo novo de estruturação da língua, como ilustram os exemplos em (8) e (9).

- (8) bem| pudera tratar aqui da **conveniencia** *que terà oinimigo em vir bombear a villa dapar-|te de fora*, ficando tam impossibiLitado para aganhar, como antes de abombear [...] (Século XVIII – PHPB/PE, Cartas Oficiais, Carta 9, linha 50)¹³
- (9) e por elles me-requererem pelo **in comó** | **doque padecem em mandar vir as cartas deUanças para as no-|vas Justiças**, procedi a Pillouros nas ditas villas [...]” (Século XVIII – PHPB/BA, Cartas oficiais, Carta 78, linha 13)

Em ambas as ocorrências, tem-se, de modo similar, uma ordenação não prototípica dos elementos pós-nucleares do SN: o complemento do núcleo (“em vir bombear a villa dapar-|te de fora”, em (8), e “em mandar vir as cartas deUanças para as no-|vas Justiças”, em (9)) é posicionado após o modificador (“que terà oinimigo”, em (8), e “que padecem”, em (9)). Conforme os princípios de peso comunicativo e de peso estrutural (KEIZER, 2007, p. 267), esse distanciamento entre núcleo e complemento aciona, ao mesmo tempo, a natureza focal do complemento, por introduzir informação nova e/ou saliente no discurso, e sua maior complexidade estrutural como mecanismos estratégicos de otimização da organização das estruturas da língua. Como prova disso, as paráfrases em (8’) e (9’), dadas a seguir, demonstram que, embora a ordem complemento-modificador seja esperada, ela não é a mais eficiente nesse contexto, uma vez que

¹³ Nas ocorrências exemplificativas, decidiu-se manter a transcrição original do corpus, o que justifica a falta de espaçamento entre algumas palavras e a ortografia distinta da norma-padrão do PB atual.

produz ambiguidade e estranheza, exigindo do leitor um esforço maior para interpretar o sentido pretendido pelo escritor.

- (8') bem| pudera tratar aqui da **conveniencia em vir bombear a villa dapar-|te de fora**, que terá oinimigo ficando tam impossibilitado para aganhar, como antes de abombear [...]
- (9') e por elles me-requererem pelo **in comó | do em mandar vir as cartas deUzaças para as no-|vas Justiças que padecem**, procedi a Pillouros nas ditas villas [...]

Ainda com relação aos dois princípios atuantes na descontinuidade do SN, é necessário considerar que eles nem sempre operam na mesma direção, isto é, favorecem a mesma ordem de constituintes. Em alguns casos, pode haver competição entre eles, em razão de a ordem final dos elementos se caracterizar como uma decisão do usuário da língua que leva em conta o que é mais relevante para a construção em questão. Essa situação de competição foi observada já no século XVIII, conforme mostra o exemplo em (10).

- (10) Quando fui para hesidade beiar os pes de vossa excellenca não tive Lugar dedar **Contas pelamuita oCopasam emque vossa excellenca SeaChava naocaziam sobre algreia da Aldea denosasenhora daesCada**, aqual tenho Reetificado aminha CuSta por servir anosasenhora casuamagestade [...] (Século XVIII – PHPB/SP, Aldeamento de índios, Carta 12)

Nesse caso, o material interveniente (“pelamuita oCopasam emque vossa excellenca SeaChava naocaziam”) é um pouco mais complexo do que o complemento (“sobre algreia da Aldea denosasenhora daesCada”) e, portanto, deveria estar posicionado mais ao final da expressão, para que, assim, houvesse o atendimento ao princípio de complexidade crescente. O que acontece, na verdade, é a violação desse princípio, motivada pelo atendimento ao princípio de peso comunicativo, que faz com que a informação mais saliente seja alocada na posição final. Em outras palavras, entre obedecer ao princípio de peso estrutural e o de peso comunicativo, numa competição de motivações, o escritor decide pelo último. Quanto a essa decisão, uma confirmação de que a posição do complemento “sobre aIgreia da Aldea denosasenhora daesCada” ao final da oração se deve ao seu caráter focal é o fato de que ele inicia o tópico desenvolvido na sequência, como evidencia, no contexto mais amplo da ocorrência, reproduzido em (10'), o conteúdo temático da carta: relatar a respeito da igreja da aldeia.

- (10') Quando fui para hesasidade beiar os pes de vossa excellenca não tive Lugar dedar **Contas pelamuita oCopasam emque vossa excellenca SeaChava naocaziam sobre aIgreia da Aldea denosasenhora daesCada**, aqual tenho Reetificado aminha CuSta por servir anosasenhora casuamagestade *que deos guarde para que* asim **SeaumentaSeasua Aldea que estava iaqua ge para cair noxam por Ser feita deparede deman em aLgû tempo eantes deterRetificado a dita Igreja pasando o muito reverendo padre e vigitador odoutor aLeixandre marques dovaLe ovigitou e naõChan do os ornamentos que opadre bispo ordenava e estar so mente empoder dos indios oquis fexar e deRubar epelo muito Rogo que lhe fis odeixou ficar mas deixando hû edital para que dentro de hû anno sefizesse todos os ornamentos nesarios (Século XVIII – PHPB/SP, Aldeamento de índios, Carta 12)**

Por outro lado, um fator que também parece motivar a ordenação das estruturas nesse contexto, em especial do material interveniente, é a intenção do escritor de fazer uma ressalva ao que é dito anteriormente: tenta-se amenizar o fato de dizer “não tive lugar de dar contas” com a inserção da justificativa de que “vossa excelência se achava muito ocupada na ocasião”. Essa explicação poderia ter sido introduzida na posição inicial (“pelamuita oCopasam emque vossa excellenca SeaChava naocaziam, não tive Lugar dedar Contas sobre aIgreia da Aldea denosasenhora daesCada”), mas, por algum motivo, o escritor decide inseri-la posteriormente. Em contrapartida, posicionar essa retificação ao fim do enunciado não parece ser a melhor escolha, já que poderia causar ambiguidade, além de interferir no tópico já iniciado e mais relevante (a igreja da aldeia). Desse modo, a expressão construída cumpre o propósito comunicativo para o qual é empregada, ainda que haja descontinuidade.

Comportamento semelhante ao dos exemplos do século XVIII, analisados anteriormente, se verifica também em ocorrências dos séculos XIX, XX e XXI, em amostras de escrita, como se pode notar de (11) a (13).

- (11) porque lhe restão muitas outras [p]osseções, como Cabo verde [etc] para onde precisa transportar Gente para novos estabelecimentos, e em 2 o quando seja impossivel conservar-se aquella convenção, não annuir a **infame condi-cão, que admetio o Brasil de serem considerados os Contrabandis-tas, como Piratas, [...]** (Século XIX – PHPB/RJ, Cartas escritas no Rio de Janeiro, Carta 10, linha 16)

- (12) O Rui mandou-me um cartão de visita, quando cheguei e pelo Car los mandou-me pedir que eu fosse jantar com ele domingo (5 de outubro,) para conversar mos sobre as bases do requerimento de informações e do **protesto, que ele enunciará da tribuna do senado contra esse pretendido direito da União a 18.000:000\$ de garantia de juros à retra [...] inglesa** (Século XX – Tycho Brahe, Cartas brasileiras, Carta 289, linha 3013)
- (13) É estarrecedor tomar conhecimento por meio da Folha de que a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) simplesmente deixou de cobrar das seguradoras de saúde particulares os milhões de reais pela **utilização que elas fizeram de recursos públicos** para atender a seus pacientes durante 2008 e 2009 [...] (Século XXI – Jornal Folha de São Paulo, Cartas de leitores, <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/secaodecartas/935732-parada-gay-planos-de-saude-bonde-de-santa-teresa-corinthians.shtml>)

A tendência que se observa é a de elementos que veiculam conteúdos focais e que são mais complexos serem distanciados do núcleo do SN, como ocorre em (11) e (12). Em alguns casos, como em (13), não há maior complexidade morfossintática, mas apenas a veiculação de informação nova e/ou saliente, que geralmente é desenvolvida na sequência. Sendo assim, o princípio de peso comunicativo parece ter maior influência na determinação da ordem dos elementos, visto que nem sempre o elemento deslocado é complexo, mas sempre é focal e/ou saliente. Essa constatação indica que, na grande maioria dos dados analisados das diferentes sincronias, esse princípio atua em conjunto com o de peso estrutural, mas também pode operar sozinho, o que não acontece com o de peso estrutural, que, nos dados analisados, apenas atua em conjunto com o de peso comunicativo.

Quanto ao material interveniente na estruturação do SN, ele tende a veicular informação compartilhada/dada, menos relevante para a sequência discursiva. Morfossintaticamente, tende a assumir, nos dados analisados, a forma de uma oração relativa, como nas ocorrências dadas de (11) a (13): “que admetio o Brasil”, “que ele enunciará da tribuna do senado” e “que elas fizeram”, respectivamente. Já o elemento distanciado do núcleo do SN assume a forma de um sintagma preposicional (SP): “**de** serem considerados os Contrabandistas, como Piratas”, em (11), “**contra** esse pretendido direito da União a 18.000:000\$ de garantia de juros à retra inglesa”, em (12), e “**de** recursos públicos”, em (13). Isso se deve ao fato de que, mesmo distanciados linearmente, esses SP são facilmente identificados como parte integrante do SN por conta do seu

vínculo semântico ainda preservado. Essa possibilidade é prevista num modelo de gramática como a GDF, pois, uma vez que a relação entre núcleo e modificador/complemento é definida no Nível Representacional, o leitor/ouvinte pode, então, estabelecer as relações semânticas necessárias na decodificação da mensagem, apesar da descontinuidade e do distanciamento dos constituintes tal como codificados no Nível Morfossintático (GARCÍA VELASCO, 2010; SOUZA-MARTINS, 2020; VAN DE VELDE, 2012). Em (14), a representação formalizada de (13) permite visualizar esse desalinhamento entre os Níveis Representacional e Morfossintático.

(14) A utilização que elas fizeram de recursos públicos.

NR: (e_i: [f_i: (f_i: utilização (f_i)) (x_i: recursos públicos (x_i))_U (f_i)] (e_i) : (e_j: elas fizeram (e_j)) (e_i))

NM: (Np_i: a utilização (Np_i)) (^{dep}Cl_i: que elas fizeram (^{dep}Cl_i)) (Pp_i: de recursos públicos (Pp_i))

Pode-se perceber que, embora haja separação entre núcleo (“utilização”) e complemento (“de recursos públicos”) no NM, eles permanecem semanticamente unidos no NR, compondo uma única propriedade configuracional,¹⁴ em que “utilização” é o predicado e “recursos públicos”, o seu argumento.¹⁵ É por conta desse vínculo semântico estabelecido no NR que a interpretação esperada do enunciado, mesmo sendo ele morfossintaticamente descontínuo, não é prejudicada.

Ainda em termos semânticos, a entidade designada pelo núcleo é quase sempre um conteúdo proposicional, como “condição”, em (11), ou um estado-de-coisas, como “protesto”, em (12), e “utilização”, em (13), enquanto o elemento deslocado tende a ser complemento do núcleo. Essas observações de caráter semântico, no entanto, não são vistas como motivações para a descontinuidade no SN, mas servem para definir como se manifesta, prototipicamente, o SN descontínuo.

Com base nessas considerações, constata-se que a descontinuidade no SN exhibe um padrão prototípico, apresentando uma estabilidade

¹⁴ A Propriedade Configuracional (f^c) (uma propriedade que consiste em mais de uma unidade) é a camada que funciona como núcleo do Estado-de-Coisas (e) e, é, por sua vez, nucleada por uma propriedade (f) e um ou mais Indivíduos (x) (KEIZER, 2015).

¹⁵ Na representação, o símbolo U subscrito indica que “recursos públicos” é o argumento com função semântica Inativo (*Undergoer*), isto é, o participante exercendo um papel passivo no Estado-de-Coisas (KEIZER, 2015).

sintático-semântica-pragmática ao longo do tempo, como é possível confirmar pela análise de ocorrências de diferentes sincronias do PB, no que tange à modalidade escrita. Quanto à modalidade falada, é necessário apontar algumas especificidades.¹⁶

Em interações verbais face a face, o planejamento e a execução linguísticos ocorrem concomitantemente, diferentemente do que acontece na escrita, em que é possível realizar revisões e alterações no que se pretende enunciar. Frente a essa simultaneidade entre planejamento e execução, o usuário da língua lança mão de diferentes estratégias linguísticas, como correções, reformulações, entre outras, para minimizar possíveis mal-entendidos na interpretação de seu enunciado. Alguns mecanismos dessa natureza foram observados apenas nos dados de língua falada, o que reforça a ideia de que são estratégias mais frequentemente utilizadas em interações verbais face a face, embora não seja impossível que ocorram em certos contextos de produção escrita. Como exemplo dessas estratégias, detectou-se o uso da função retórica Esclarecimento (ou Correção) em dados de língua falada tanto do século XX como do século XXI. Essa função, para Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015), serve para esclarecer ou corrigir alguma informação mencionada anteriormente que o falante julga incompleta ou inadequada do ponto de vista comunicativo. As ocorrências em (15) e (16) ilustram o emprego dessa função.

(15) L2 porque:...chega um ponto

L1 que **o acúmulo** é muito grande né? **de... processos** (Século XX – NURC: D2 SP 360)

(16) Doc.: tem bastante computador lá?

Inf.: não... computador lá num tem... porque tem **o laboratório bem do lado tam(b) ém né?... de computação** (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-053, DE, linha 211)

Percebe-se que o falante, inicialmente, não julga necessário expressar o complemento “de processos” do núcleo “acúmulo”, em (15), e o modificador “de computação” do núcleo “laboratório”, em (16), por se tratar de informação contextualmente acessível ou inferível pelo

¹⁶ Limitamo-nos a destacar os pontos particulares dos dados de língua falada que se distinguem dos de língua escrita. Isso significa que, quanto ao restante dos parâmetros de análise, não houve diferenças relevantes a serem abordadas aqui.

ouvinte. Contudo, ele decide acrescentá-la posteriormente num ato de esclarecimento,¹⁷ revelando sua preocupação em antecipar informações que poderiam ser solicitadas por seu interlocutor (“acúmulo de quê?”, em (15), e “laboratório de quê?”, em (16)). Como se vê, a descontinuidade, nesses casos, tem motivação interpessoal, especificamente retórica, pois é caracterizada pela organização estratégica das estruturas em prol do objetivo comunicativo do usuário da língua, que, por sua vez, busca garantir que o ouvinte interprete adequadamente seu enunciado.

De modo similar, o falante pode recorrer a outras estratégias linguísticas, como mitigação e modalização, a fim de salvar sua face e de evitar possíveis mal-entendidos na interação verbal. Muitas vezes, o emprego de tais estratégias produz enunciados descontínuos, como se pode notar em (17) a (20).

- (17) o indivíduo... nao pode figurar... como o senhor todo poderoso... ele tem que... repartir... **aquele poder... digamos assim... de exclusivis:mo..** com os seus... assessores imediatos... (Século XX – NURC: DID REC 131)
- (18) poderíamos inclusive estabelecer... como uma das diferenças... **a questao por exemplo acredito eu que... da assistência MEDica hospitalar...** que eu acredito que as cooperativas nao... prestam... aos seus associados (Século XX – NURC: DID REC 131)
- (19) às vezes a pessoa num BEbe... às vezes a pessoa num num é desequilibRAda... mas ela num tem **uma condição...** êh:: eu diria que:: **psicológica suficiente** pra educá(r) uma criança... (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-099, RO, linha 466)
- (20) Há cinco departamentos há vários departamentos mas... o prédio principal... é o E um o prédio principal... havia antes pra inauguração o projeto pra tê(r) **dois prédios de oito andares se eu num me engano... de vidro...** (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-081, DE, linha 120)

Nessas ocorrências, o uso de expressões como “digamos assim”, “acredito eu que”, “eu diria que” e “se eu num me engano” indica a intenção do falante de atenuar certos enunciados ou de mostrar

¹⁷ Morfossintaticamente, tem-se uma articulação dentro do domínio da Expressão Linguística via extraoracionalidade, o que significa dizer que um ato de esclarecimento está fora dos limites do sintagma e da oração. O que se propõe aqui como descontinuidade, na verdade, é uma relação semântica ainda preservada de elementos que, morfossintaticamente, se encontram distanciados, embora não seja possível propor uma relação de constituição morfossintática entre eles.

incerteza ou descomprometimento com relação ao conteúdo deles. Nota-se que a inserção de tais expressões no domínio do SN, embora cause descontinuidade, se justifica pela preservação das relações de escopo, pois, geralmente, elas têm escopo em apenas uma parte do SN: de (17) a (19), as expressões atenuam o conteúdo do que é enunciado em seguida, enquanto, em (20), a incerteza recai sobre o conteúdo do enunciado anterior (a quantidade de andares nos prédios). A ordenação interna das estruturas, nessas circunstâncias, é, portanto, a mais eficiente em termos de propósitos comunicativos, por levar em conta a intenção do falante, por um lado, e as relações de escopo, por outro.

Por fim, ainda vale mencionar interferências na linearidade do SN motivadas por uma estratégia de manutenção da interação face a face, como mostram as ocorrências de (21) a (24).

- (21) ele está se referindo exatamente a essa essência tradicional da economia japonesa tá? quer dizer uma **uma situação** (,) *eu vou repetir*(,) **muito diferente do início da economia americana**, tá dando pra situar a diferença? (Século XX – NURC: EF RJ 379)
- (22) as incursoes (ruído -ou aquilo que) eu estou rotulando de incursoes foram **quaisquer tipos de quê? de relações**, em função de aumento de ampliação de território (Século XX – NURC: EF RJ 379)
- (23) dependendo o o que fô(r) feito no cabelo o corte de cabelo que você qué(r) fazê(r)... faz **o pezi::nho entendeu? do cabelo**... em volta da ore::lha... (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-072, RP, linha 394)
- (24) Inf.: olha éh... se/ lá teria que sê(r) **um quarto diferente como disse agora pouco d'uma pessoa normal**... apesar da idade dela... mas ainda tá um pouquinho bagunçado acho que ainda num num lembrô(u) que ela já passô(u) daquela idade ainda né? (Século XXI – Banco de dados Iboruna: AC-103, DE, linha 311)

Novamente, tem-se uma inserção de expressões no domínio do SN, mas, agora, com papel de manutenção da interação verbal, sinalizando o desejo do falante de assegurar que seu interlocutor está acompanhando seu raciocínio e interpretando adequadamente seu enunciado. Em (21) e (22), por se tratar de um contexto de sala de aula, o professor (que é o locutor) preocupa-se em cativar a atenção de seu auditório e, para isso, faz uso de expressões como “eu vou repetir” e “o quê?”. Já em (23) e (24), numa conversação mais informal, o falante emprega o marcador discursivo “entendeu?”, para confirmar o entendimento do interlocutor, e a expressão, “como disse agora pouco”,

para resgatar informação previamente introduzida no discurso. De modo geral, tais exemplos demonstram que o falante faz escolhas a favor de seus propósitos comunicativos, mesmo que elas sejam em detrimento da adjacência morfosintática das estruturas linguísticas, produzindo, conseqüentemente, a descontinuidade.

Com relação à distinção entre modalidade escrita e modalidade falada, é nítido que, em termos de interação verbal face a face, existem estratégias linguísticas contribuindo para o cumprimento dos objetivos comunicativos do falante, o que não ocorre, pelo menos não da mesma forma, na modalidade escrita, que dispõe de manifestações mais regulares do fenômeno da descontinuidade, isto é, apresenta um padrão de ocorrência muito similar nas diferentes sincronias do PB.

Quanto à mudança diacrônica, por outro lado, os dados encontrados e analisados não autorizam afirmar que essas estratégias linguísticas detectadas na modalidade falada são inovadoras (por terem aparecido nos dados dos séculos XX e XXI), uma vez que não é possível investigar dados de língua falada dos séculos mais remotos e verificar o ponto de origem do seu uso. Também não se pode afirmar que houve mudança entre os séculos XX e XXI, no que tange à modalidade falada, pois as ocorrências apresentam padrões muito semelhantes, o que, mais uma vez, reforça a afirmação da estabilidade do fenômeno em análise.

Pode-se, no entanto, postular uma diferença entre a natureza do fenômeno da descontinuidade em contextos falados e em contextos escritos, confirmando o que já havia proposto Souza-Martins (2020). Essa distinção, como já dito, deve ser feita em termos da situação de uso da língua, dada a especificidade de certas estratégias linguísticas em interações verbais face a face.

Além dessas estratégias presentes exclusivamente nos dados de língua falada, é importante destacar uma última diferença entre as modalidades concernente à atuação dos princípios de peso comunicativo e o de peso estrutural. Na modalidade falada, percebe-se uma presença menos significativa do princípio de peso estrutural, de modo que o princípio de peso comunicativo atua sozinho com mais frequência do que conjuntamente ao de peso estrutural, diferentemente do que ocorre na escrita, em que predomina a atuação conjunta dos dois princípios. Essa constatação pode encontrar respaldo na hipótese de que, na escrita, em face da possibilidade que tem o leitor de resgatar informações por meio de uma eventual releitura, o emprego de estruturas mais complexas

seria mais frequente,¹⁸ enquanto na fala o usuário da língua tende a evitar construções com maior complexidade, cujo processamento exigiria maior esforço cognitivo por parte de seu interlocutor. Em tais contextos, é esperado que o princípio de peso comunicativo desempenhe um papel mais relevante na definição da ordem dos elementos, havendo primazia de fatores pragmáticos em relação a fatores estruturais.

5 Considerações finais

A análise aqui empreendida teve por objetivo investigar o comportamento de SN descontínuos nas sincronias do PB, desde o século XVIII até o século XXI, buscando desvelar possíveis mudanças na manifestação do fenômeno ao longo do tempo. Além disso, propôs-se uma comparação entre as modalidades escrita e falada, a fim de pontuar diferenças ou semelhanças entre as ocorrências nas duas modalidades de uso do PB contemporâneo.

Foi possível constatar que as primeiras ocorrências de SN descontínuos datam do século XVIII, não sendo, portanto, um modo novo de estruturação da língua. Por outro lado, não foi possível verificar nenhum tipo de mudança nos dados dos diferentes séculos, o que nos permite afirmar que o fenômeno apresenta uma estabilidade sintático-semântica-pragmática na história do PB. Isso talvez se deva à própria natureza da descontinuidade, uma vez que ela, apesar de produzir enunciados que subvertem a ordem esperada da língua, atua em prol da otimização da organização das estruturas linguísticas, seja em termos interpessoais, como focalização de informações, seja em termos de processamento cognitivo, como a disposição das estruturas conforme sua complexidade crescente.

Essa estabilidade também se estende à frequência do fenômeno, que se mantém baixa em todas as sincronias e em ambas as modalidades analisadas. Esse resultado era esperado, em vista dos dados do PB contemporâneo analisados por Souza-Martins (2020), e pode ser explicado pela caracterização do fenômeno da descontinuidade, que se define como uma ordenação não prototípica e, portanto, menos esperada da língua.

¹⁸ É evidente que essas considerações sobre a escrita levam em conta o *corpus* analisado, já que, em outros tipos de textos escritos, como mensagem *online*, por exemplo, o uso de construções complexas parece ser evitado.

Em termos de motivações da descontinuidade, verificou-se, como esperado, a atuação dos dois princípios de peso comunicativo e de peso estrutural propostos por Keizer (2007, p. 267). Em todas as sincronias analisadas, eles operam a favor de uma mesma ordem de constituintes, o que implica dizer que o material distanciado do núcleo do SN é tanto focal/saliente pragmaticamente quanto complexo morfossintaticamente, sendo raros os contextos de competição de motivações. Em alguns contextos, o princípio de peso comunicativo pode atuar sozinho (o que não ocorre com o de peso estrutural), indicando que ele tem uma maior influência na motivação do fenômeno da descontinuidade.

Com relação à descrição das características do SN descontínuo, constatou-se que a interrupção de elementos no domínio do SN ou a ordenação não prototípica de seus próprios elementos ocorrem em sua porção pós-nuclear, distanciando núcleo e complemento/modificador. Esse resultado vai ao encontro do que Van de Velde (2012, p. 14) chama de “relação mais frouxa” entre núcleo e elemento pós-nuclear (seja na função de complemento, seja na de modificador), que permite, mais facilmente, interferências de fora do domínio do SN e reorganizações de seus próprios elementos. Em vista disso, a arquitetura da GDF viabiliza uma interpretação que permite uma separação entre os constituintes no Nível Morfossintático, ao passo que preserva sua conexão semântica no Nível Representacional.

Semanticamente, a entidade denotada pelo núcleo do SN é um conteúdo proposicional ou um estado-de-coisas, assumindo a forma, quase sempre, de nominalizações, e o elemento deslocado apresenta uma relação argumental com o núcleo. Morfossintaticamente, o material interveniente tende a assumir a forma de uma oração relativa, enquanto o elemento deslocado para o final da expressão tende a ser um sintagma preposicional.

Quanto às especificidades da descontinuidade em contextos falados, o princípio de peso comunicativo mostrou-se mais relevante, atuando sozinho mais frequentemente do que em conjunto com o de peso estrutural. Além da atuação desses princípios, existe uma gama de estratégias linguísticas disponíveis ao falante que contribuem para o cumprimento de seus propósitos comunicativos, cujo emprego, por outro lado, produz enunciados descontínuos. Nesse sentido, há certa primazia do interpessoal sobre o estrutural: em busca de construir enunciados mais eficientes do ponto de vista comunicativo e, também, cognitivo, o falante rompe com a ordem esperada para as estruturas da

língua. Esses resultados corroboram a adequação do modelo teórico da GDF, principalmente no que diz respeito às motivações provenientes dos níveis mais altos de formulação das expressões linguísticas (o interpessoal e o representacional) para os mais baixos de sua codificação (o morfossintático e o fonológico).

Declaração de autoria

Este artigo foi realizado de forma colaborativa pelos dois autores. A primeira autora, Nathalia Pereira de Souza-Martins, foi responsável pela elaboração e escrita da parte teórica, proposição de parâmetros de análise, organização do *corpus* e levantamento e análise de dados. O segundo autor, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por sua vez, foi responsável pela elaboração e sistematização da metodologia, discussão dos resultados e edição e revisão do texto do artigo. Por fim, coube aos dois autores a elaboração conjunta do resumo, do *abstract*, da introdução e das considerações finais.

Referências

ATAÍDE, C.; GOMES, V. S. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares. Disponível em <<https://www.ledoc.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ATAÍDE, C.; LIMA, T. J. S. *Corpus do Sertão do Pajeú do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco*, 2016. Disponível em <<https://www.ledoc.com.br>> Acesso em: 24 jun. 2021.

BARBOSA, A.; LOPES, C. R. dos S. *Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: cartas pessoais – séculos XVIII-XIX*. Rio de Janeiro, UFRJ/ PIBIC-CNPq/Labor-Histórico, 2003 (versão eletrônica). Disponível em: <<https://www.phpbrj.letras.ufrj.br>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CARNEIRO, Z. de O. N. (org.). *Cartas brasileiras (1809-1999): coletânea de fontes para o estudo do português*. Vol. 2 - CD-ROM 1. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. 2005. 2360p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005. 2º volume, 3ª parte: cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar – Part I: the structure of the clause*. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERREIRA, P. S.; OLIVEIRA, K.; LOBO, T.; GONÇALVES, U. S. *Cartas Baianas Setecentistas*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO (online). *Folha Sinapse*. São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/cartas.shtml>> Acesso em: 24 jun. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO (online). *Painel do leitor*. São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/secaodecartas/>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L. de; FARIA, P. *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GANDRA, A. S. *Cartas de amor na Bahia do século XX: normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar*. 2010. 525f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010. 2v. + 1 CD-ROM.

GARCÍA VELASCO, D. Discontinuity and Displacement in a Functional Theory of Grammar. 34th INTERNATIONAL AEDEAN CONFERENCE ALMERIA. *Proceedings...* Oviedo: University of Oviedo, 2010. p. 412-420.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. 2007. Disponível em <<http://www.alip.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 276-297, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v48i1.2430>

HAWKINS, J. A. *Word order universals*. New York: Academic Press, 1983.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HUCK, G.; OJEDA, A. E. (eds.). *Discontinuous constituency*. Londres: Academic Press, 1987.

IAPECHINO, M. N. K. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais. Disponível em <<https://www.ledoc.com.br>> Acesso em: 24 jun. 2021.

JORNAL DIÁRIO DO NORTE. *Cartas do leitor*. Disponível em: <<https://www.jornaldiariodonorte.com.br/cartas-do-leitor>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

KEIZER, E. *The English Noun Phrase*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LIMA, T. J. S.; ATAÍDE, C. *Banco Informatizado de Textos: cartas particulares*. Serra Talhada: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRP), 2017. Disponível em <<https://www.ledoc.com.br>> Acesso em: 24 jun. 2021.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma Sócio-História do Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

RIJKHOFF, J. *The Noun Phrase*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SOUZA-MARTINS, N. P. de. *Motivações funcionais da descontinuidade sintagmática*. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)

- Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2020.

SIMÕES, J. da S.; KEWITZ, V. *Edição das cartas da capitania de São Paulo – Aldeamento de índios – Século XVIII e XIX*. São Paulo. 2005-2006. Disponível em: <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SIMÕES, J. da S. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. 2007. 475f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 2007.

VAN DE VELDE, F. PP extraction and extraposition in Functional Discourse Grammar, *Language Sciences*, Leuven, v. 34, p. 433-454, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/7100339/Vande_Velde_2012final_PP_extraposition_extraction> Acesso em: 03 set. 2019.